

**UNIFMU-CENTRO UNIVERSITÁRIO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**JOGOS RECREATIVOS E O DESENVOLVIMENTO DA LATERALIDADE:
POSSIBILIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇAS DE 7 A 8
ANOS**

**AUTOR: ELISIANA ALVES FERNANDES DE LIMA
ORIENTADORA: PROFa.DRa.KARINA SOLEDAD MALDONADO MOLINA PAGNEZ**

**SÃO PAULO
2007**

ELISIANA ALVES FERNANDES DE LIMA

**JOGOS RECREATIVOS E O DESENVOLVIMENTO DA LATERALIDADE:
POSSIBILIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇAS DE 7 A 8
ANOS**

Monografia apresentada ao Centro de Pós- graduação e Pesquisa da UNIFMU – CENTRO UNIVERSITÁRIO, como requisito parcial para obtenção do Título de especialista em Psicomotricidade, sob orientação da Profa.Dra.Karina Soledad Maldonado Molina Pagnez.

**SÃO PAULO
2007**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus o responsável por esse sonho se tornar possível aos meus pais Celso e Neuza que sempre me apoiaram e estiveram comigo em todo momento, aos meus amigos pelo apoio, amizade e suas contribuição na realização desse trabalho.

A minha orientadora Karina Pagnez pela ajuda, e dedicação. "Bendito seja o Senhor, minha rocha, que adestra as minhas mãos para a peleja a os meus dedos para guerra. Benignidade minha e fortaleza minha, alto retiro meu e meu libertador és tu, escudo meu, em quem eu confio, e que me sujeita o meu povo." Salmo 145: 1e 2.

RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica é sobre o auxílio dos jogos no desenvolvimento da lateralidade. Enfocaram-se seguintes aspectos: definição de psicomotricidade, as unidades funcionais do cérebro, lateralidade, lateralização e as características das crianças de 7 á 8 anos e os conceitos de jogos. Assim o presente estudo teve como objetivo inferir a respeito da influência dos jogos recreativos no desenvolvimento da lateralidade em crianças de 7 á 8 anos. Possibilitando ao leitor uma ampliação na visão dos professores nas aulas de educação física levando em consideração o desenvolvimento psicomotor da criança. Observa –se que nas obras de Fonseca (1996) e Freire(1997), que o jogo é visto como um incentivador e estimulador das várias atividades realizadas é a maneira que a criança busca subsídios lúdicos para se desenvolver. Oferece possibilidades de desenvolvimento nos aspectos motor ,cognitivos e emocional que são constituintes do indivíduo.Desta forma, considera-se que para desenvolver a lateralidade em crianças de 7 a 8 anos o jogo é um estimulador no trabalho da educação psicomotora, por isso a sua importância nas aulas de educação Física.

ABSTRACT

This bibliographical research talks about assists of the games in the development of the lateralidade.

Following aspects had been focused: psychomotor definition, the functional units of the brain, lateralidad, lateralization and the characteristics of the children of 7 to 8 years and the concepts of games.

Thus the present study had as objective infer regarding the influence of the recreation games in the development of the lateralidade in children of 7 to 8 years. Making possible to the reader a vision of the teachers on the lessons of Physical Education taking in consideration the psychomotor development of the child.

It is observed that in the Fonseca's opus (1996) and opus Freire's (1997), that the game have seen as encourage and stimulator of the some carried through activities is the way that child searches playful subsidies to develop itself. It offers possibilities of development in the aspects motor, cognitional and emotional that are constituent of the individual. In such a way, considers that to develop the lateralidade in children of 7 to 8 years the game is a stimulator in the work of the psychomotor education, therefore its importance in the lessons of Physical education.

INTRODUÇÃO

Durante as minhas aulas de Educação Física para crianças de 7 a 8 anos, pude perceber que apresentavam muitas dificuldades em reconhecer direita e esquerda, na referência corporal própria, no outro e na relação com os objetos.

Ao cursar a pós-graduação em Psicomotricidade me interessei em compreender por meio dessa teoria os jogos que utilizo em minhas aulas de educação física. Resolvi investigar na literatura se há estudos que relacionem os jogos com o desenvolvimento da lateralidade em crianças dessa faixa etária.

Apartir do exposto configura-se o problema desta pesquisa: os jogos recreativos podem auxiliar no desenvolvimento da lateralidade em crianças de 7 a 8 anos?

Propõe-se inicialmente por meio desse questionamento uma conceitualização da psicomotricidade, definiremos as características das crianças de 7 a 8 anos, as definições de lateralidade e concepção de jogos.

Esse estudo visa compreender a aplicação dos jogos recreativos para o aprimoramento de lateralidade para essas crianças, em sua conceituação, e o benefício de sua aplicação para essas crianças

Assim, a relevância do estudo encontra-se na tentativa de ressaltar os jogos recreativos como ferramenta pedagógica no contexto da Educação Física escolar para aprimorar a lateralidade para crianças de 7 a 8 anos.

1. PSICOMOTRICIDADE: CONCEITO

Para entendermos melhor o desenvolvimento da lateralidade como um elemento psicomotor por meio da educação física, partiremos com os conceitos de diferentes autores acerca da Psicomotricidade, a fim de compreendermos a sua complexidade e importância.

A psicomotricidade é a ciência que tem como princípio a própria essência da vida, a adaptação progressiva que vai dos invertebrados para os vertebrados, do céfalo para o caudal e do próximo para o distal.

Para Jean Claude (1978), a psicomotricidade é a ciência encruzilhada, onde se cruzam e se encontram múltiplos pontos de vista biológicos, psicológicos, psicanalíticos, sociológicos e lingüísticos, ou seja, a psicomotricidade utiliza dessas ciências para melhor servir ao estudo do conhecimento sobre o movimento e desenvolvimento psicomotor do ser humano.

Segundo Olalla (1995, apud Sánchez, 2003) que fala da importância da psicomotricidade na educação infantil como uma prática educativa, relata que a prática psicomotora é um processo de ajuda que acompanha a criança em seu próprio percurso maturativo, que vai desde a expressividade motora e do movimento até o acesso a capacidade de descentração.

No relato de Fonseca (1992) psicomotricidade pode ser definida como:

[...] A psicomotricidade é hoje concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio e instrumento privilegiado através do qual a consciência se forma e materializa-se. (FONSECA, 1992, p.12).

Barreto (2000) complementa que é a integração do indivíduo, utilizando para isso, o movimento e levando em consideração os aspectos relacionais ou afetivos, cognitivos e motrizes. É a educação pelo movimento consciente, visando melhorar a eficiência, diminuindo o gasto energético.

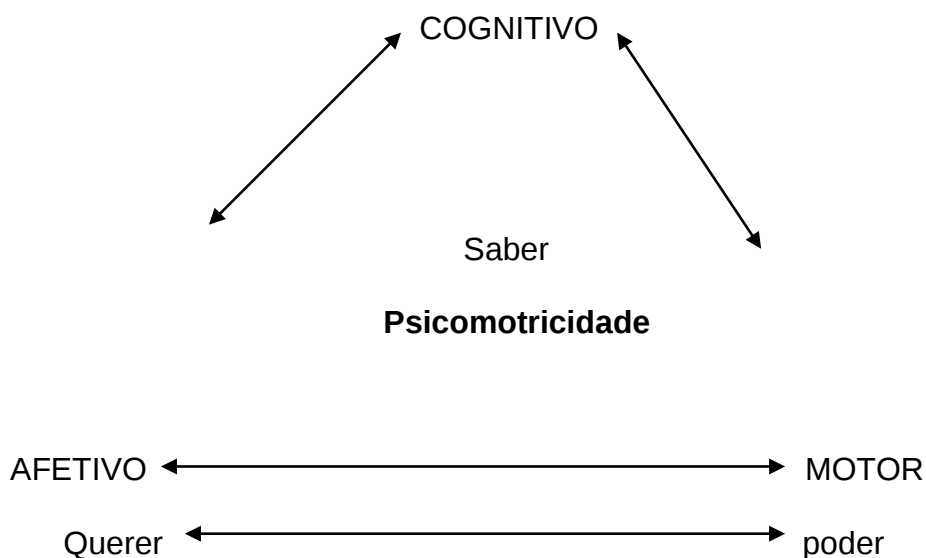
Podemos dizer que para Fonseca e Barreto a psicomotricidade é uma integração entre o pensamento e atividade motora, na qual o indivíduo pensa sobre o movimento, toma consciência e se expressa através do motor.

Verificando os conceitos de alguns autores em relação à psicomotricidade, compreende-se de acordo com a definição de Ajuriaguerra, médico muito conhecido pelos seus trabalhos no âmbito da neurofisiologia e da neuropsiquiatria infantil.

Segundo Ajuriaguerra, (apud Loureiro, 2001) a psicomotricidade visa à representação e a expressão motora, por meio da utilização psíquica e mental do indivíduo. “A motricidade não é de valor puramente efector, ela depende de inúmeras funções que no seu conjunto justificam o ser de expressão”. Podemos dizer que a expressão motora significa a maneira individual e única do indivíduo se manifestar no espaço utilizando o corpo através de um processamento psíquico e mental.

Na Psicomotricidade, busca-se através do corpo e do movimento trabalhar o indivíduo globalmente, ou seja, ela não prioriza a readaptação funcional por setor, ou ainda enfatizando determinada musculatura, e sim a fluência desse corpo em seu meio, buscando o significado do SABER, do QUERER e do PODER fazer (LOUREIRO, 2001).

Saber fazer – é preciso ter conhecimento para poder fazer, está ligado ao cognitivo; **querer fazer** – é o aspecto emocional, psicológico, afetivo; **poder fazer** – é ter condições corporais, aspecto motor (LOUREIRO, 2001).



De acordo com Ajuriaguerra e Loureiro, o indivíduo tem que ser visto como um todo, não é possível dividir o corpo em partes, a expressão motora vem da interferência do meio em que o indivíduo está inserido e dos fatores cognitivos e afetivos que o regem.

Para Pierre Vayer (1996), educador físico que relaciona a psicomotricidade com a educação física da seguinte forma: educação psicomotora é uma ação pedagógica e psicológica que utiliza os meios da educação física, a fim de normalizar ou melhorar o comportamento da criança.

Portanto, a psicomotricidade é uma ciência que estuda o indivíduo no seu desenvolvimento global, buscando o significado da sua ação motora, e o equilíbrio entre o cognitivo, afetivo e motor.

2. DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Essa parte do texto trata-se sobre o desenvolvimento psicomotor segundo Wallon, para melhor entender o processo de desenvolvimento da criança em relação às 3 unidades funcionais do cérebro.

Wallon um neurologista que estudou o desenvolvimento do ser humano como crescimento, maturação, relacionando as experiências que o indivíduo passa mais adaptação do corpo no ambiente, incluindo os aspectos motor, afetivo-social e cognitivo.

➤ Estágio Impulsivo emocional (0 a 1 ano).

Total dependência do meio externo.

- 1° a 2° meses: apresenta reação de atenção, começa a olhar, deixa de chorar quando alguém se aproxima, comunica suas necessidades através do choro, segue com os olhos os estímulos, emite sons vocais, brinca com as mãos e figuras combinadas podem desencadear um sorriso.
- 3° a 4° meses: sacode o chocalho involuntariamente, sorri em resposta a outro sorriso, sai do estágio de reflexo entrando no mundo pela comunicação do sorriso, aproxima-se dos objetos apalpando-os, ri alto, rola e começa a orientar-se no espaço.
- 5° a 6° meses: pega objetos ao seu alcance, senta com apoio e leva os pés a boca; o desenvolvimento da preensão muda a visão do mundo, utiliza seu corpo e objetos no espaço, balbucia e sua alimentação é sólida e usa colher.
- 7° a 8° meses: procura objetos caídos, joga-os, simboliza presença e ausência (cadê, achou!), simboliza a aceitação e a rejeição, sorrindo ou chorando conforme quem o vê, crise de angústia distônica, ou seja, chora quando a mãe não está perto. Preensão do objeto estabelece relação percebida e reconhecida, reconhecendo-se alegremente no espelho, transfere objetos de uma mão para outra, repete os atos que lhe interessam, ou seja, bate palmas, dá pontapés em brinquedos suspensos no berço para ver e alcançar-los; começa a demonstrar compreensão das palavras e emite sons, parecendo gostar de ouvir sua própria voz, engatinha e vocaliza sílabas.
- 9° a 10° meses: mantém-se de pé com apoio, pegam objetos escondidos à sua frente, começam a dizer suas primeiras palavras de duas sílabas, servindo para nomear tudo, instituindo-se assim a memória e movimento de pinça; colocam-se em

pé sozinhos, bebem com o copo, repetem os sons que escutam, interrompem a ação ao ouvir ordens, aprendem a falar as primeiras palavras juntando sílabas, instituem-se as noções de defesa e proibição.

- 11° a 12° meses: desenvolvimento da marcha com domínio do espaço físico e simbólico, linguagem: diz três ou quatro palavras aumentando assim a perspectiva de pensamento, entende frases curtas.

➤ Estágio Sensório motor e Projetivo (1 a 3 anos)

Etapa projetiva caracteriza a forma do funcionamento mental da criança, o ato mental projeta-se em atos motores.

-1 ano: As relações da criança com o seu envolvimento multiplicam-se e aumenta a maturidade na organização das emoções.

Anda sozinho, apresenta linguagem de ação com organizações rítmicas e início da percepção e já faz rabiscos. A criança assume sua independência e progride rapidamente, mas seus passos ainda são incontroláveis, não conseguindo parar ou mudar de direção bruscamente.

-2 anos: A percepção dos objetivos e a sua descoberta pela respectiva manipulação, tornam possível a organização das primeiras representações, a ação não é uma estrutura de execução, e sim o estímulo da atividade mental.

Noção de totalidade corporal, (mas não relaciona as partes) reconhece a diferença sexual, usa colher e lápis, salta com os dois pés juntos, o real está confuso com a fantasia, o que pensa imagina é sempre mais verdadeiro e realizável para a criança, possuindo o controle total da percepção e o aumento do vocabulário.

-3 anos: utiliza o pronome “eu” para obter consciência de si, reconhece e explica ações, é capaz de classificar, identificar e comparar, possui um vocabulário em torno de 200 palavras, demonstra cooperação, usa talhares e quer vestir e calçar-se sozinho, salta em um pé só, dois ou três passos, sobe e desce escadas alternando os passos, a coordenação fina se aperfeiçoa, idade dos porquês, começa a se meter na conversa dos adultos e começa usar a tesoura.

➤ Estágio do Personalismo (3 a 6 anos)

Caracteriza no enriquecimento do eu e construção da personalidade, o modelo do outro adquire a sua importância como estímulo e experiência.

-4 anos: tem mais elasticidade das articulações, coordena o movimento das mãos na escrita, mas não apresenta freio motor, inicia abstrações e relações com os fatos, não distinguindo claramente a fantasia da realidade, distingue frente e costas, veste-

se sozinho, salta com habilidade; início da socialização; exploração e manipulação mais acentuada da área sexual, sabe copiar carimbos, associa a figura a escrita, pode copiar uma cruz, anda na ponta dos pés, reconhece as cores branco e preto, ainda se vê do modo pelo qual pensa que os outros a vêem.

-5 anos: coordenação global desenvolvida, desenvolvimento do esquema corporal, utiliza a mão dominante; coordenação viso motora em desenvolvimento, dissociação manual e digital; protege as crianças menores, colabora gradativamente, gosta de ajudar em tarefas domésticas, aceita responsabilidade e ordens; salta alternando os pés, saltam distância com habilidade, ou seja, é mais ágil; agregação com crianças do mesmo sexo (simpatia e antipatia); formação de censura, certo e errado. Segura o lápis com mais segurança mostrando os progressos neuromotores quando desenha traços retos, conseguindo fazer círculos e quadrados, distingue todas as cores; identificação com figuras de ídolos.

-6 anos: apresenta experimentação do corpo; dissociação manual e digital já estão firmadas (apresentam possibilidades de escrever); atitudes sociais bruscas; orientação nobre, distingue os dois lados do corpo.

➤ Estágio Categorical (7 a 12 anos).

Caracteriza como recursos cognitivos e intelectuais.

-7 a 8 anos: plena integração do corpo, aperfeiçoamento das habilidades adquiridas anteriormente; a dissociação estende-se para todo o corpo; reconhece lateralização no outro; noção de temporalidade bem definida (passado, presente e futuro); sabe ver horas, não os minutos; instala-se fortemente a conduta ética, a importância de valores e normas; procura contatos fora de casa; aparece a reprodução rítmica.

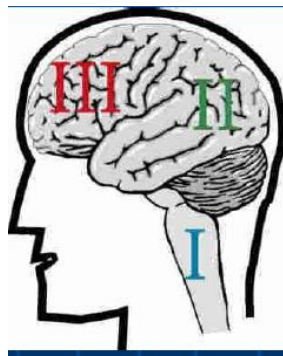
-9 a 10 anos: automatização dos movimentos habituais até se tornarem ágeis, mais relaxamento na postura, levanta alternativas para solucionar problemas; relaciona-se cooperativamente com a comunidade; explica conceitos abstratos (bondade, por exemplo); percepção mais aguçada; valoriza grupo de amigos; sabe comprar pequenas coisas sozinho; fala e age ao mesmo tempo.

-11 a 12 anos: combina simultaneamente os movimentos dos membros inferiores e superiores, equilibra força muscular e habilidade; reflexivo e espontâneo; movimento expressivo tanto facial quanto corporal; atividades com diferenciação dos sexos e desenvolvimento muscular nos meninos; início da adolescência.

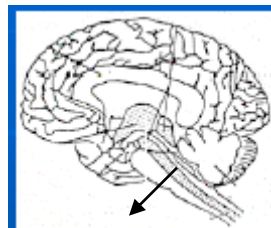
2.1. As Três Unidades Funcionais do Cérebro

Segundo Luria, (1973, apud Fonseca, 1995) o cérebro humano é composto por três unidades funcionais básicas, cada uma delas possuindo uma função particular.

Apresentamos a seguir a função de cada uma das unidades:

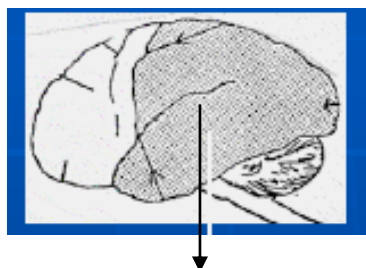


1º unidade de regulação tônica, de alerta dos estados mentais:



Localizada nas estruturas subcortais e axiais do cérebro que suportam os dois hemisférios. Esta unidade compreende a medula, tronco cerebral, cerebelo, sistema límbico e o tálamo, sem ela o cérebro é incapaz de responder aos estímulos do mundo envolvente, pondo em risco, não só a interação corpo - cérebro, como igualmente a interação sensório-motora do organismo total do indivíduo com os seus ecossistemas. Tendo o papel fundamental na focagem, fixação da atenção, na concentração, na integração intersensorial, na vigilância, na regulação tônica, seletividade e no emocional. (FONSECA & CRUZ, 2001).

2º unidade de recepção, análise e armazenamento da informação.



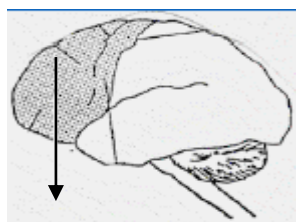
Trata-se da unidade que é responsável pelo recebimento, o processamento e a conservação da informação recebida pelo homem. Ela é constituída pelos lobos occipitais (visão), temporais (audição) e parietais (tátil-cinestésica), composta por:

1° - áreas de recepção sensorial;

2° áreas de análise, de síntese, de retenção e integração da informação intrassensorial específica;

3° áreas essencialmente localizadas no lobo parietal de ambos os hemisférios. Esta integração auditivo-visual, auditivo-tátil-cinestésica ou visuo-espacial, envolve processos cognitivos de decodificação-codificação necessários para a leitura, a escrita, a aritmética, a gramática, abstração, a análise lógica, a compreensão das preposições, a rotação espacial etc... (FONSECA & CRUZ, 2001).

3° unidade de execução motora, planificação e avaliação:



Responsável pela a programação, a regulação e o controle do desempenho do homem, são funções exercidas pelas áreas anteriores do encéfalo e seus lobos frontais que representa o nível mais elaborado de desenvolvimento do cérebro humano, a central de comando donde partem as vias motoras piramidais descendentes que se dirigem aos grupos musculares específicos, que concretizam, realizam e executam qualquer tipo de praxia (FONSECA & CRUZ, 2001).

2.2. Lateralização

A lateralização está integrada à segunda unidade funcional de Luria, cuja função fundamental compreende o recebimento, o processamento e o armazenamento da informação.

A lateralização compreende: dominância lateral e lateralidade. A dominância lateral diz respeito à predominância de um lado sobre o outro lado do corpo. É a preferência em razão do uso mais freqüente e efetivo de uma metade frente à outra, porque existe uma especialização dos hemisférios cerebrais e que cada um governa em nível motor o hemicorpo contra lateral (NUÑEZ, 2000), ou seja, o cérebro é composto por dois hemisférios, o direito e o esquerdo unidos por vários feixes de fibras de comunicação, sendo o maior de todos denominado de corpo caloso. As fibras de saída e de entrada de um hemisfério cruzam a linha mediana na altura do tronco cerebral, o hemisfério direito comanda o lado esquerdo do corpo e o hemisfério esquerdo comanda o lado direito do corpo.

A Lateralização pode ser determinada por fatores genéticos, embora o treino e os fatores de pressão social possam influenciar na lateralização do indivíduo, principalmente em indivíduos com preferência manual esquerda. (FONSECA, 1995). Podemos dizer que a dominância lateral do indivíduo pode ser interferida devido ao meio em que vive, pois por muitas pessoas acreditarem que a utilização manual esquerda vem de algo “profano”, houve uma intervenção em forçar o indivíduo em seu desenvolvimento para usar a mão direita.

Segundo FONSECA (1995), a lateralização traduz a capacidade de integração sensório-motora dos dois lados do corpo, transformando-se numa espécie de radar endopsíquico de relação e de orientação com e no mundo exterior. Em termos da motricidade, retrata uma competência operacional, que preside a todas as formas de orientação do indivíduo.

O desenvolvimento da lateralização ocorre da seguinte forma:

A lateralização manual surge no fim do primeiro ano, mas só se estabelece por volta dos 4 – 5 anos, independente de que muitas crianças atravessam a fase de experimentar as duas mãos antes de defini-las (FONSECA, 1995).

Com 4 anos a criança está na fase da experimentação, ela hesita, altera o uso das mãos, pés e olhos. Aos 5 anos a criança está na fase da consistência da dominância, ou seja, começa a dar indícios de que mão, pé e olho, serão usados funcionalmente. Aos 6 - 7 anos, a criança efetiva a dominância. Aos 8 - 9 anos, possui um discriminador interior (simbolização) e, portanto, já nomeia direita e esquerda (LOUREIRO, 2001).

Assim, certifica-se que a lateralização é a dominância lateral com a maior habilidade desenvolvida num dos lados do corpo devido à dominância cerebral, ou seja, pessoas com dominância cerebral esquerda, têm maior probabilidade de desenvolverem mais habilidades do lado direito do corpo e, por isso, são destros. Com os canhotos, acontece o inverso, já que sua dominância cerebral é do lado direito.

2.3. Lateralidade

A lateralidade é um fator da noção do corpo que está integrada na segunda unidade funcional de Lúria.

A noção do corpo compreende o recebimento, o processamento e o armazenamento das informações vindas do corpo, reunidas sobre a forma de uma tomada de consciência estruturada e armazenada (FONSECA, 1995).

Ajuriaguerra (1972 *apud* FONSECA, 1995) relata que a evolução da criança é sinônimo de conscientização e conhecimento, cada vez mais profundo do seu corpo, a criança é o seu corpo, e por meio dele elabora todas as suas experiências vitais e organiza toda a sua personalidade.

Os dois autores colocam que a noção do corpo é um conceito que se aprende a partir de experiências corporais, na observação dos movimentos do próprio corpo e das relações com os objetos externos.

Então para criança adquirir a noção do corpo é necessário situar-se isoladamente com referência a partir de si mesma e depois dos objetos, ter uma visão clara, precisa e completa de seu corpo e da posição que ocupa no espaço, para que isso ocorra, é preciso receber sensações vindas do ambiente que ajudarão a criar imagens mentais que representam a forma que o corpo tem para cada pessoa.

O reconhecimento direita-esquerda é uma prova no fator noção do corpo, mas que fornece igualmente dados ao nível da lateralização simbólica, o nível de integração bilateral do corpo já focado, envolve já uma função de decodificação verbal em face da noção simbólica do hemicorpo e da consciencialização da linha média do corpo. Refere-se ao poder discriminativo e verbalizado que a criança tem do seu corpo como um universo espacial interiorizado e socialmente mediado (FONSECA, 1995).

O corpo humano possui uma simetria bilateral, com dois olhos, dois ouvidos, duas mãos, dois pés etc. Neurologicamente as vias que conduzem a cada lado do corpo permanecem separadas, desta forma há duas vias independentes uma para esquerda e outra para direita. Esta diferenciação anatômica e neurológica possibilita o corpo detectar os lados, esquerdo e direito.

Nunes (2000) complementa que a lateralidade é conhecimento da direita e esquerda, é o corpo se auto-reconhecendo, para isso é fundamental a noção de eixo corporal que divide o corpo em duas metades iguais, em virtude das quais se distinguem os lados direito e esquerdo do corpo. Não é possível adquirir noção de espaço sem a noção de lateralização.

A SPIONNEK divide a aquisição destes conceitos, nas seguintes fases:

1ª etapa - a criança distingue os dois lados do seu corpo (2 a 3 anos).

2ª etapa - a criança compreende que os dois braços se encontram de cada lado do seu corpo, mais ignora que são direito e esquerdo (4 a 5 anos).

3ª etapa - a criança aprende diferenciar as duas mãos, os dois pés e somente mais tarde, os olhos (5 a 6 anos).

4ª etapa - a criança tem noção das extremidades direita/ esquerda, noção de todos os órgãos e partes de seu corpo (6 a 7).

5ª etapa - a criança começa saber com precisão, qual a parte direita e a parte esquerda do seu corpo, nomeando corretamente (7 anos em diante)

Le Boulch (1987, apud FREIRE, 1992) relata que, a melhor maneira de levar uma criança a conquistar e consolidar sua lateralidade é promover exercícios de motricidade global.

Portanto, a criança só irá desenvolver esse reconhecimento de direita e esquerda de si própria, no outro e nos objetos, se lhe for proporcionado atividades que o vivenciem.

3. CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS DE 7 A 8 ANOS:

Vimos anteriormente como ocorre o processo de desenvolvimento infantil, as 3 unidades funcionais do cérebro e como as crianças adquirem a lateralidade. Esta parte da pesquisa vem apresentar o que se espera dessas crianças nessa faixa etária, para a preparação de atividades que venham de encontro com seu desenvolvimento.

De acordo com Mattos e Neira (1999, p.42), as características dessas crianças são:

Personalidade polivalente, ajustamento da conduta às circunstâncias, consciências das possibilidades e conhecimento mais preciso e completo de si, Apresenta um progresso na descentralização, a coordenação é interiorizada dos esquemas corporais e operações simples e concretas. Associa as sensações motoras aos sentidos, sua respiração e postura são controladas, afirma a lateralidade e transporta conhecimento de si aos outros.

Para Gallahue e Ozmun (2001, p.244) define as características dessas crianças de acordo com a teoria desenvolvimentista da seguinte forma: as meninas estão geralmente, um ano na frente dos meninos quanto ao desenvolvimento fisiológico, suas habilidades motoras fundamentais estão bem definidas, mais o tempo de reação é lento, causando dificuldades com a coordenação visual manual. As atividades que envolvem os olhos e os membros desenvolvem-se lentamente, como rebater ou atingir bolas arremessadas e arremessar bolas, requerem consideráveis práticas para seu domínio. Esse período marca a transição dos refinamentos das habilidades motoras fundamentais para o estabelecimento de habilidades motoras em jogos de liderança e de habilidades atléticas.

Os períodos de atenção são geralmente curtos no início desse período, mas gradualmente se estendem. Frequentemente passam horas em atividades de seus interesses, são ansiosas para aprender e para agradar os adultos, porém, precisam de assistência e de orientação para tomar decisões, não são capazes de raciocínio abstratos e lidam melhor com exemplo e com situações concretas.

Nesse período elas brincam muito mal em grupos grandes, por períodos extensos de tempo e frequentemente são agressivas, presunçosas, autocríticas, hipersensíveis e aceitam muito mal tanto a derrota quanto à vitória.

Araújo (1992), relata que segundo o estudo da evolução da inteligência de Piaget, a criança nessa idade encontra-se no período das operações concretas. Sendo assim, podendo desempenhar de um modo progressivo e mais consciente sua própria motricidade, já que nessa idade poderá representar mentalmente seu corpo diante de uma seqüência de movimentos.

Portanto, é certo que as crianças a partir dos 7 anos de idade apresentam características como personalidades diversas, sua assimilação é concreta, já associam sensações motoras aos outros sentidos, suas habilidades motoras estão bem definidas, apresentam períodos de atenção muito curtos. Segundo Luria (1991), a atenção nessas crianças é de forma seletiva com auxílio de apoios mediatos exteriores. Nessa idade como relata Le Boulch (1984) a criança quando está jogando necessita ter a capacidade de detectar se o colega está mais bem colocado do que ele para explorar a situação e decidir, eventualmente, passar-lhe a bola. Esta operação, simples de descrever, exige que a criança tenha transposto a fase da “descentração”, que se inicia aproximadamente aos 7 anos, quando ela é capaz de reconhecer a direita e esquerda em outra pessoa.

4. CONCEPÇÃO DE JOGOS

O trabalho na educação física com um olhar psicomotor, condiciona crianças que precisam de uma base para seu desenvolvimento motor, afetivo e psicológico. Dentro dos elementos a serem trabalhados, acredita-se que a educação física por meio dos jogos pode desenvolver na lateralidade a concepção de outros jogos, a partir de diferentes autores.

Para Wallon (1981) alguns psicólogos não consideram o jogo o termo apropriado para as atividades de desenvolvimento da criança, o que é compartilhado por Brougère (1998), afirmando que alguns psicólogos empregam o jogo para demonstrarem as características de processo fundamentais do desenvolvimento e relação, pelas crianças em seu comportamento natural. Sendo assim, o autor defende a tese que o jogo aparece na psicologia não como um fim de si mesmo, mas que é executado pela criança nos comportamentos lúdicos, o jogo nada mais é que um meio para que os psicólogos entendam a evolução da criança, ou seja, torna-se um meio de estudo e não um fim de ser conceituado e explicado.

Para Huizinga (1996) o jogo é uma ação voluntária da criança, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, dotado de um fim em si mesmo e fonte de alegria e divertimento.

Para o autor o jogo tem um caráter improdutivo e por ser um fim de si mesmo, não pode criar nada e não visa a um resultado final, o que importa é o processo em si, brincando é que a criança se impõe, e por ser uma ação voluntária quando é imposta deixa de ser jogo.

Kishimoto (1999) define jogo como liberdade de ação do jogador, a separação do jogo em limite de espaço e tempo, existência de regras e só é jogo enquanto a ação voluntária do ser humano está presente. É através do jogo que o indivíduo se apossa do seu contexto social e do seu meio e começa a explorar as suas capacidades funcionais. Todas as reações de origem interceptiva, proprioceptiva ou exteroceptiva que constituem as premissas psicofisiológicas de toda a vida afetiva, são provocadas e desencadeadas pelo movimento. O jogo é também fator de desenvolvimento orgânico e funcional porque é através do jogo que acontece a mielinização dos nervos e as conexões que interligam estas comunicações que se multiplicam, favorecendo o enriquecimento das estruturas cerebrais.

Para o autor o jogo não tem um fim de si mesmo vai muito além, quando a criança está jogando ela aprende a trabalhar suas frustrações na medida em que perde e ganha. Esse fator torna-se inerente ao crescimento e fortalece emocionalmente o indivíduo e as relações com o outro.

O jogo quando é vivenciado proporciona na criança elementos importantes para seu desenvolvimento, uma maneira melhor para compreender a definição do jogo encontra-se no conceito de Freire (2002), um educador físico que se preocupou em propor ao professor de educação física a refletir acerca do movimento como um todo, definindo o jogo com base na imagem da criança presente no cotidiano de uma determinada época, que acontece pela percepção de lugar, ocupado pela criança num determinado contexto social, do tipo de processo educacional, ao qual está submetida com o brincar e as relações que se sucederem. Para o autor o jogo propicia uma interação tal, que cria condições objetivas de efetivação de mudança, que poderão vir a se constituírem em transformação de concepções, ponto de vistas, conhecimento, comportamentos, atitudes, hábitos que geram também possibilidade de autoconhecimento e melhor conhecimento de cada integrante do grupo, suas possibilidades e limites e capacidades de superação de problemas de relacionamento interpessoal. Desta forma, o importante não é a percepção do jogo como mero instrumento para ensinar alguma coisa a alguém, mais sim, o entendimento tal que os participantes passam a ser compreendidos de acordo com os parâmetros de seu desenvolvimento.

Vamos buscar em alguns autores que estudam a educação psicomotora o que pensam em relação ao jogo:

.Fonseca (1996) comenta que no jogo é possível trabalhar a representação simbólica da construção de forma branda e aceitável na colocação de limites e combinações que darão subsídios à socialização e a criação das regras coletivas. É um fator de libertação e de formação, que não pode faltar à criança em desenvolvimento. No jogo a criança tem a oportunidade de estruturar o seu esquema corporal, a sua relação com o espaço e o tempo, ampliar a utilização do perceptivo motor e ainda, estampar sua afetividade, proporcionando o desencadeamento de suas emoções.

Segundo Le Bouch, (1984) o lugar do jogo na educação psicomotora assume formas diversas.

Os jogos de imaginação e os jogos simbólicos possuem um valor de expressão.

Os jogos funcionais, que permitem a criança desprender sua “necessidade de movimento”, no plano psicomotor desempenha o papel dos exercícios de coordenação global.

Os jogos com regras, que necessitam da aceitação ou mesmo da criação de um código para poderem ser praticados coletivamente, desempenham um importante papel na socialização.

Nas aulas de Educação física o jogo não deve ser passado como algo descomprometido com a formação do aluno, mas como incentivador e estimulador das várias atividades realizadas. É a maneira pela qual a criança busca subsídios lúdicos para se desenvolverem, pensado no jogo como um meio que desenvolve aspectos motores, cognitivos e sócio-emocionais que constituem o indivíduo como um todo.

5. ARTICULAÇÃO DOS JOGOS E LATERALIDADE

Tem-se nesta parte do trabalho a apresentação de alguns jogos realizados com crianças para aprimoramento da lateralidade, lembrando que quando preparadas as atividades buscou-se estimular a criança em todos os seus aspectos motores, cognitivos e afetivos, e que nos jogos puderam-se desenvolver outros elementos além da lateralidade.

Essas atividades realizadas com grupos grandes de alunos entre 25 a 40 alunos.



1ª atividade:

Em roda as crianças no ritmo da música dançam, quando a música pára as crianças têm que ouvir o comando do professor e mostrar a parte do corpo pedido, elas continuam dançando com a parte do corpo voltada para dentro da roda até que o comando é mudado novamente.

- Sua mão direita
- Sua mão esquerda
- Seu pé direito
- Seu ombro esquerdo
- Seu joelho direito
- Seu pé esquerdo
- Seu ombro direito

As crianças que já possuíam o reconhecimento de direita e esquerda falavam para os amigos quando erravam, mas a maioria apresentou dúvidas, perguntando se estavam corretas, em relação ao comando pedido, algumas esperavam o amigo postar-se primeiro na roda, para depois imitá-lo, e também tinham aqueles que se posicionavam errado, olhavam para amigo ao lado e não percebiam que estavam errados, até alguém falar e mostrar qual era a forma certa.

Olhar psicomotor: Esse jogo trabalha com a percepção e discriminação auditiva, ao diferenciar o final da música, concentração, pois a reação deve ser imediata mostrando a parte do corpo mencionada, noção de corpo. A criança tem que pensar em qual é a parte do corpo que deve ser colocada, se o lado é direito ou esquerdo, trabalha-se com o social, um colega ajudando outro para que acerte, mostrando o correto.

2ª atividade: cola-cola



Os alunos, ao ouvirem o som da música, andavam pelo espaço determinado e quando parava a música, após o comando do professor, eles tinham que pôr a parte do corpo pedida junto com a parte, também solicitada do amiguinho e saírem andando pelo espaço, sem separá-las até o próximo comando.

O próximo comando era encontrar-se com outro amiguinho, em seguida, é pedido que se soltem e saiam dançando.

Os comandos:

- Põe sua mão direita na mão direita do amiguinho...
- Poe seu joelho direito no joelho esquerdo do amiguinho...

Essa atividade estimulou a criança, ao mesmo tempo, perceber se as suas reações ao comando e a de seu amiguinho estavam certas. As crianças que já sabiam, mostravam qual era a mão certa. Por exemplo, algumas sabiam qual era seu lado direito e esquerdo, mas não sabiam identificar no outro, nesse momento o professor interferiu, mostrando-lhes o lado certo.

Olhar psicomotor: Esse jogo trabalha com a estruturação espacial, deslocar-se no espaço determinado, afastar e aproximar-se dos colegas. Noção do corpo, pensar qual é parte do corpo que deve ser colocada junto com a do colega e o reconhecimento próprio dos lados direito e esquerdo, e do amiguinho, concentração no comando do professor, percepção e discriminação auditiva, ao diferenciar o final da música e o sócio afetivo, pois as crianças tinham um contato tanto corporal quanto oral para realizar o movimento corretamente e nem sempre com o mesmo participante.

3ª atividade: O boneco



Em duplas as crianças tinham que escolher quem era o boneco e quem era o manipulador do boneco, e se deslocarem no espaço determinado. “Quando o professor dizia”:

- Pega o braço direito do boneco e leva para passear,
- Pega a orelha esquerda do boneco e faz uma massagem,
- Pega a perna direita do boneco e levanta.

Depois trocavam de papel, para não ficar sempre com mesmo amiguinho quando o professor batia duas palmas os manipuladores deveriam trocar de boneco.

Olhar psicomotor: Esse jogo trabalha com a atenção, concentração e a memória para guardar o sinal ao comando do orientador, que é o estímulo para troca de boneco. Noção do corpo: reconhecer a parte do corpo mencionado e o lado esquerdo e direito do amiguinho; noção espacial, pois só pode deslocar com o boneco no espaço determinado, e deslocamento lateral, frente e trás para não se bater com outro colega; noção do corpo reconhecer a parte do corpo que deve ser tocada e o lado direito e esquerdo do amiguinho. E o sócio-afetivo, pois todos os participantes passam por todos os colegas, havendo o contato corporal e oral entre eles para realização correta da atividade.

4ª atividade: Amarelinha

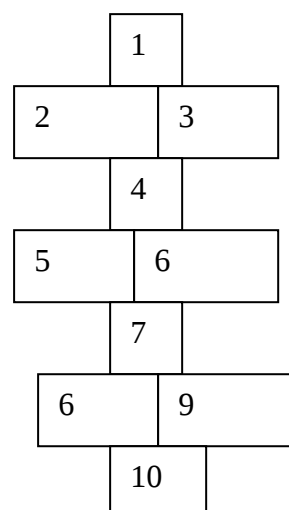


Fazer no chão um quadrado embaixo dois quadrados e depois um quadrado novamente até completar 10 quadrados, em cada quadrado número de 1 a 10.

As regras são as seguintes:

- Uma criança por vez joga a pedra na primeira casa número 1 (quadrado);
- A casa que estiver com a pedra não pode pisar, ou seja, salta a casa que estiver a pedra e vai até a casa 10 pulando a amarelinha, depois ele volta todo o caminho e pega sua pedra;
- Quando a criança joga a pedra na casa errada ou esquece de pegar a pedrinha, passa sua vez para o outro amiguinho e quando chegar a sua vez novamente continua do número onde parou.

Conforme a figura abaixo:



Trabalhando-se com grupos grandes de crianças, que logo foi dividido em vários grupos pequenos para todos participarem, onde as próprias crianças desenharam a amarelinha no chão.

Apesar de, o jogo ser muito conhecido, algumas crianças apresentavam dificuldades em realizá-lo, não conseguiam saltar com um pé só, não conseguiam pegar a pedrinha sem pôr os dois pés no chão, o professor ajudava-os segurando nas mãos, até conquistarem confiança. No final do jogo já conseguiam realizar a atividade sozinhas.

Olhar psicomotor: Esse jogo: o salto da criança é muito solicitado para se deslocar de um quadrado para o outro trabalhando a força dos membros inferiores, o equilíbrio para se manter de uma perna só e abaixar para pegar a pedrinha, pensar qual será o próximo deslocamento para frente ou para o lado para seguir a sequência numérica e como serão os próximos movimentos com as duas pernas ou com uma só. Noção espacial saltar dentro do quadrado e não pisar na linha; coordenação motora: fina precisão para lançar a pedrinha e não ser lançada fora do quadrado; e o sócio afetivo: autoconfiança, respeitar as regras do jogo, o tempo e a limitação de cada participante esperando a sua vez para jogar.

O jogo da amarelinha pode ser feito de várias formas, conforme as crianças vão ficando hábeis ao jogo, mudam-se as maneiras de aplicar a amarelinha.

Pode ser feita uma amarelinha gigante, aumentando os números do quadrado, a novidade é que se acrescenta a exigência de precisão em alvos distantes.

Alteram-se os números da amarelinha. Por exemplo, o número 1 na última figura e o número 10 no meio, esse procedimento exige da criança adaptação de novos esquemas de movimento.

5ª atividade; Robô



Em um determinado espaço espalham-se cones (cones de linha de lã), escolhendo um aluno que quer ser o robô, esse aluno não pode olhar para os lados, precisa manter a cabeça sempre para frente.

Pede-se para o robô dar um passo para frente, um para direita, e um para esquerda e um para trás. Para todas as crianças verem o tamanho do passo do robô.

As crianças vão comandar o robô e as regras são as seguintes:

- Dizer 3 comandos e repetir uma vez
- O robô deve escutar os três comandos primeiro para depois executar, por exemplo, robô dê três passos para direita, dois para esquerda e um para frente.
- Após executar o comando, os cones que o robô encostou é do aluno que ditou as ordens.
- Os comandos são feitos por um aluno de cada vez, tentando derrubar o maior número de cones possíveis.
- Ganha o jogo o aluno que tiver mais cone.

Olhar psicomotor: esse jogo trabalha com a percepção auditiva e memória, ao ouvir o comando dos colegas e guardar a seqüência da ordem, noção do corpo, os alunos têm que reconhecer a direita e esquerda sua e do amiguinho (robô) para ditar as ordens e o robô se deslocar corretamente, noção espaço-temporal, quanto passos serão necessários para encostar-se aos cones, e o sócio afetivo respeitar as regras determinadas, esperar chegar a sua vez e a limitação do amigo (robô).

Obs: Com algumas turmas foi preciso vender os olhos das crianças, sugestões dos próprios alunos, pois eles só faziam a seqüência certa dos amigos que queriam. Ao vender os olhos o aluno (robô) perde totalmente a noção espacial.

No final da aula todas as crianças foram o robô, o professor conversou com elas a respeito do que foi mais difícil, ser o robô ou dar as ordens, houve variações nas respostas.

6ª atividade: passar a bola



As crianças sentadas no chão em roda tinham que passar a bola para o amigo com a parte do corpo que foi citada pelo professor, com a seguinte regra:

- Se a bola sair da roda o amiguinho que deixou vai buscar a bola e trazer com a parte do corpo mencionada.
- Não sair da roda para pegar a bola que não foi jogada para ele.

Por exemplo:

- Passar com a mão direita,
- Passar com o polegar esquerdo,
- Passar com a orelha direita,

Olhar psicomotor: Esse jogo trabalha com a concentração e atenção, ao comando do professor, de não deixar a bola sair da roda, noção do corpo: reconhecer as partes do corpo citadas e os lados direito e esquerdo, ao jogar a bola, força ao jogar a bola com parte do corpo para chegar até o amiguinho ou fazer com que saia da roda e o sócio–afetivo: respeitar as regras e sua vez de jogar a bola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho busca-se mostrar que a aula de educação física não trabalha somente a criança no seu aspecto físico, mas pensa no aluno como um ser completo que não se divide em partes.

A lateralidade está inserida na 2ª unidade funcional do cérebro, sendo um elemento fundamental para o desenvolvimento psicomotor e só pode ser desenvolvida se for estimulada. A partir de um estudo teórico, procurou-se demonstrar que para desenvolver a lateralidade em crianças de 7 a 8 anos o jogo pode ser uma ferramenta pedagógica, pois exige que a criança pense no movimento a ser realizado e promova uma relação afetiva e social com outras crianças, levando em conta seus interesses, necessidades e características que determinam o desenvolvimento psicomotor.

E assim, através da Educação Física e do jogo é possível preparar atividades que possibilitam o desenvolvimento da lateralidade nessas crianças, contribuindo para o equilíbrio entre o motor, cognitivo e o afetivo.

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Vânia Carvalho de. **O jogo no contexto da educação psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.

ARNAIZ, Sánchez et al. **A psicomotricidade na educação infantil: uma prática preventiva e educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BROUGERE, G **Jogo e Educação**. São Paulo: Edição Brasileira, 1998.

FONSECA, V. **Manual de Observação Psicomotora –Significação Psiconeurológica dos fatores psicomotores** 1º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. Cruz, V. **Programa de Reeducação Cognitiva PASS (Planificação, atenção e processamento Simultâneo e Seqüencial de informação) – Avaliação dos seus Efeitos em Crianças com Dificuldades de Aprendizagem**. 1º ed. Lisboa: fMH edições, 2001, p. 104.

_____. **Psicomotricidade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física**. 3º ed. São Paulo: Scipione, 1992.

GALLAHUE, D.L; OZMUM, J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Traduzido per: Maria Aparecida da Silva pereira Araújo. São Paulo: Phorte, 2001. Tradução de: *Understanding Motor developmente: Infants, Children, Adolescensts, Adults*

HUIZINGA, Johah. **Homo Ludens**. João Paulo Monteiro. 4º. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

KISHIMOTO, t. m. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LOUREIRO, M> B. **Psicomotricidade ISPE-GAE**: São Paulo. 2001 (apostila do GAE).

LURIA, A.R. **Curso de psicologia geral**. 2º. Ed. Rio de Janeiro. RJ, Civilização Brasileira, 1991.

MATTOS, M. G; NEIRA, M. G **Educação física infantil: construindo o movimento na escola**. Guarulhos, SP: Phorte Editora, 1999.

NUÑES, J. A, G. **Psicomotricidade Y Educacion Infantil** Ed. Cepe: Madrid, 2000.

ROSSETO JÚNIOR. Adriano José, et alii, **Jogos educativos: Estrutura e organização da Prática**. São Paulo: São Phorte, 2005.

SPIONNEK. Psicomotricidade ISPE-GAE: São Paulo. 2001 (apostila do GAE).

WALHON, Henry **A evolução da psicologia da criança**. São Paulo: Andes, 1981.

VIGOTSKY, L. S. Et alii **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Edisp- 1998.

ANEXOS

Autorização**São Paulo, 23 de abril de 2007**

Eu _____ RG _____ -

Autorizo a imagem do me filho(a) _____

No trabalho de monografia de Elisiana Alves Fernandes de Lima.

(Assinatura)